

A fronteira transnacional do grande sertão rosiano

Marli Fantini Scarpelli*

* Professora do Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura – Faculdade de Letras/UFMG.

Guimarães Rosa é um viajante e sua poética tem vocação plurilingüística, intercultural e transnacional. O conhecimento de vários idiomas, o trânsito por inúmeras culturas, a diversidade de focos assegurada pelo olhar multifacetado do escritor – sertanejo, médico, intelectual, diplomata, Chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras — são, no meu entendimento, fatores decisivos na constituição de sua poética de “fronteiras”. O feixe de produções tanto ficcionais quanto documentais do escritor possui uma abrangência tal que possibilita a seus leitores e críticos, além de interpretar os limites intrínsecos de sua linguagem literária, apreender e traduzir as relações metafóricas que o entorno sócio-político-cultural do seu campo discursivo irá deflagrar.

Na vasta territorialidade do grande sertão rosiano, mesclam-se várias temporalidades a partir de cuja superposição emerge toda uma gama de vozes dissonantes. O convívio tensionado entre vários pólos dicotômicos se materializa sobretudo na “terceira margem”, emblemática imagem rosiana que dá visibilidade a entre-lugares fronteiriços onde surge a oportunidade de intercâmbio entre categorias via de regra polarizadas. Bem e mal, centro e periferia, razão e intuição, arcaico e moderno, distintas leituras de mundo, com o imbricamento e a superposição de línguas contrabandeadas de formações culturais de diferenciadas procedências desfilam na espacialidade migrante que Guimarães Rosa concebe para representar o modo de formação híbrida do Brasil e da América Latina. É dessa forma que, em sua resposta ao modelo impositivo da “metrópole”, Rosa contribui para a valorização da heterogeneidade cultural que permeia o regionalismo transnacional praticado em sua literatura e na de outros escritores latino-americanos afinados com a mesma tendência.

A apropriação criativa às vanguardas européias e seu desdobramento nas técnicas renovadoras do regionalismo transnacional, cujo aproveitamento na obra de autores continentais, como José Maria Arguedas, Juan Rulfo, Gabriel Garcia Márquez e João Guimarães Rosa, institui, segundo Antonio Candido,¹ um modelo comum às literaturas desses escritores. Marcando diferença em relação a modelos importados ou impostos pelo processo de “transplante cultural” a que o Brasil em particular e a América Latina como um todo se viram submetidos durante vários séculos de “aculturação”, o regionalismo transnacional inaugura, no continente, um novo espaço discursivo. Para abordá-lo, torna-se necessária a perspectiva comparatista, que poderá, a partir de agora, “assumir o papel que lhe cabe num país caracterizado pelo cruzamento intenso de culturas, como é o Brasil”.²

Dada a pluralidade de discursos críticos e de dispositivos teóricos desenvolvidos pelo comparatismo literário inter-americano, sobretudo na perspectiva dos Estudos Culturais, penso que seria inconseqüente uma abordagem contemporânea de quaisquer obras literárias continentais, desvinculada das condições simbólicas em que elas foram geradas. É dessa perspectiva que pretendo enfocar o Guimarães Rosa-narrador, agente de um discurso alternativo, que deixa vaziar, em seu campo discursivo, a imagem de um escritor preocupado com uma causa de ordem sócio-político-cultural. Dessa forma, a conjunção do comparativismo latino e ibero-americano com as produções concretas das “literaturas alternativas” contribui para se compreender melhor o *locus* de enunciação a partir do qual formações discursivas produzidas em situação de subalternidade podem enunciar e denunciar as condições de opressão e recalçamento que lhe foram impostas pelo legado colonial.

A diversidade da obra rosiana e o *locus* que define suas condições de enunciação – zonas fronteiriças assinaladas pela hibridez e pela “heterogeneidade multitemporal”³, segundo expressão de Canclini⁴ – solicita uma abordagem comparativista que, tendo como eixo o interculturalismo, possibilita repensar conceitos como “nacionalismo”, “nação”, “pátria”, “relações identitárias”. Não se pode, ademais, perder de vista de que, ao inter-relacionar-se com vários campos de conhecimento, a literatura de Rosa, além de rasurar seus próprios limites, dramatiza a relação intersubjetiva entre história e estória, realidade e ficção, autoria e atoria, instituindo, dessa forma, novos paradigmas relacionais que possibilitam, no atual contexto de globalização, multiculturalismo e suas demandas de flexibilização de fronteiras políticas e culturais, novas alternativas para ler e habitar o mundo.

¹ CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.145-6.

² *Ibidem*, p. 215.

³ *Ibidem*, p. 72.

⁴ CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995.

Transitividade Cultural

O princípio de “transitividade cultural”⁵ com que Rosa e personagens rosianas operam provém, em grande parte, do trânsito realizado pelo escritor entre o sertão e o mundo, entre sua matriz lingüística de base regional e os vários idiomas que ele vem a dominar. A conjunção entre idiomas – cada um dos quais trazendo, em sua própria singularidade, os traços de sua cultura – irá contribuir para a descrisitalização dos localismos reducionistas fixados pela acentuada cor local característica das manifestações regionalistas, que anteciparam o desafio rosiano em criar um novo espaço de transitividade territorial e cultural na literatura regionalista praticada, principalmente entre as décadas de 30 e 50, no Brasil e na América Latina.

A partir do intercâmbio entre línguas e culturas, a literatura de Guimarães Rosa situa o local em um âmbito transnacional, fazendo emergir um espaço de transitividade polifônica e plasticidade cultural que integra e superpõe “imaginários e produtores culturais de vertentes diversas”.⁶ Com base nas reflexões de Ángel Rama, Mabel Moraña anota a significativa intervenção desses escritores na forma como a América Latina vem se inscrevendo no projeto de modernização ocidental. Endossando a afirmativa de Rama, segundo o qual a modernidade constituiu, na América latina, a fronteira onde se puderam conectar áreas culturais, pensamentos e projetos muito diversos, ela identifica, no espaço heterogêneo do continente, uma zona de trocas, empréstimos e negociações.⁷

A inserção de outros idiomas no português é um dos procedimentos que permitem a Guimarães Rosa quebrar os parâmetros particularistas de língua. Diferentemente da utópica originalidade isolacionista com que, desde o romantismo, o regionalismo patriótico e provinciano vinha-se protegendo contra as influências externas e sobretudo contra a dependência cultural, o escritor mineiro põe sua região em relação de interatividade com outras paragens continentais e universais. Antonio Candido considera que, dos três momentos de manifestação regionalista continental por ele examinados, somente a terceira vertente – consolidada por escritores como José María Arguedas, Gabriel García Márquez, Augusto Roa Bastos e João Guimarães Rosa – cria alternativas inovadoras, permitindo-lhe escapar ao anacronismo e ao provincianismo a que ficaram sujeitas as vertentes anteriores. Ao se fixar nas formas mais peculiares da realidade local, em lugar de afirmar a identidade nacional, como pretendia, o regionalismo romântico e o naturalista acabam

⁵ Sobre “transitividade cultural”, ver MORAÑA. *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg: Inst. Intern. de Literatura Iberoamericana, 1997. Ideología de la transculturación. p. 17-8.

⁶ *Ibidem*, p. 11.

⁷ *Ibidem*, p. 10.

oferecendo à sensibilidade europeia o exotismo que ela desejava, o que, segundo Candido, se torna uma “forma aguda de dependência na independência”.⁸

A permeabilização da matriz regional, realizada sob o influxo da transitividade territorial, lingüística e cultural, possibilita a Rosa adotar a combinatória de práticas culturais representativas da índole conflitiva e desafiante com que a América Latina se insere na modernidade ocidental. Dessa forma, sua obra ultrapassa os limites do subdesenvolvimento continental que levaram Candido a refletir que “nossas literaturas latino-americanas, como também as da América do Norte, são basicamente galhos das metropolitanas”.⁹ Ainda que semeados no quintal terceiromundista, os germens dessa literatura voltada para o ano 2000 proliferam e, sobretudo a partir de Rosa, já dão frutos no jardim das musas.

Transculturação narrativa

Tanto o procedimento tradutório quanto o transculturador fornecem a Guimarães Rosa o instrumental necessário para reler a própria aprendizagem de “memória coletiva”, cujo maior “monumento”, no mundo destituído de escrita e de patrimônio arquitetônico, é a narrativa oral que mantém forte parentesco com as lendas e os mitos. Renovar a palavra narrativa, mediante o concurso de outros códigos e com a mediação de outras formações discursivas é uma forma por meio da qual o escritor pode preservar a cultura cuja sobrevivência histórica depende dessa palavra.

Nas sociedades sem escrita, arquivos ou monumentos, cabe aos especialistas em memória — os “homens-memória” — a função de depositários da “memória coletiva”. Eles são a “memória dessas sociedades”, guardiães da tradição em que a história e o mito normalmente se confundem.¹⁰ Sob a perspectiva de um estrangeiro-tradutor, Guimarães Rosa, depois de diversas viagens ao exterior, retorna ao interior de Minas, para recuperar os vestígios de formações culturais arcaicas debilmente preservadas pela tradição oral. Ato simbólico, por excelência, a fundação é uma construção social e, portanto, um ato de cultura. Recuperar a oralidade através da escritura é, no entendimento de Ana Pizarro, um ato fundacional que cumpre, na perspectiva contemporânea, uma função simbólica de caráter restaurador, que se aproxima à da fundação das cidades.¹¹

⁸ CANDIDO. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. A nova narrativa. Literatura e subdesenvolvimento. p. 157 e passim.

⁹ *Ibidem*, p. 151.

¹⁰ LE GOF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana F. Borges. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. p. 428-9.

¹¹ PIZARRO (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial/Campinas: Unicamp, 1993. p. 26.

Ángel Rama discorre sobre a prática transculturadora de escritores latino-americanos provenientes de regiões que, ao adotarem práticas autônomas e endogâmicas, isolaram-se do processo de modernização ocidental.¹² Situados “entre duas águas”, esses escritores, a exemplo de Guimarães Rosa, oriundo de Minas Gerais; García Márquez, da costa colombiana; Juan Rulfo, de Jalisco, lograram, através de sua literatura, permeabilizar a passagem do arcaico para o moderno, da esfera regional para a transnacional. Ao se integrarem a centros urbanos, esses escritores puderam absorver novas influências, sem contudo perder as marcas profundas de sua cultura regional. Em outras palavras, eles puderam, via literatura, estender uma ponte entre setores localistas com padrões culturais próprios (frequentemente muito arcaicos) e um projeto modernizador de maior amplitude.

Uma das tarefas do transculturador é desafiar a cultura estática, presa à tradição local a desenvolver suas potencialidades e produzir novos significados sem, contudo, perder sua textura íntima. Instuído entre os pólos da resistência tradicionalista e do impulso modernizador, o processo da transculturação se concretiza em dois grupos básicos de personagens. No primeiro pólo, o da resistência, encontram-se personagens representativas da região, enraizadas ao local e defensoras de suas tradições. No segundo pólo, situa-se o narrador (também ele uma personagem) ou um elemento externo à obra, geralmente identificado ao destinatário a quem é dirigida a narração. Um e outro são depositários de um legado cultural, e sua tarefa é fazer a mediação entre o enraizamento da tradição regional e a modernização da cultura nacional.¹³

Para Rama, Riobaldo, narrador-protagonista de *Grande sertão: veredas*,¹⁴ cumpre exemplarmente a função transculturadora. De fato, pode-se observar que, além de ocupar o entre-lugar entre distintas culturas, fazer um pacto ficcional com um interlocutor que, diferentemente dele, identifica-se com normas urbanas e um saber formal, o ex-jagunço se coloca entre bandos antagônicos, entre três amores, entre as águas de dois rios, entre Deus e o demo, e seu relato, ao se segmentar em duas partes, duplica a narrativa do romance, reproduzindo e reafirmando, em sua própria estruturação, o processo de transitividade operado pelo narrador na esfera discursiva.

Amparado pelo princípio de “plasticidade cultural”, Riobaldo assegura o próprio trânsito entre os distintos planos que se ocupará em mediar. Para tanto, é-lhe fundamental manter-se numa posição independente ou, no mínimo, distanciada em relação aos diversos sistemas culturais com que se vê confrontado, à alta hie-

¹² RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevideo: Arca Editorial, 1989. p. 95-6.

¹³ *Ibidem*, p. 99-100.

¹⁴ ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Doravante, este romance será citado mediante a sigla GSV, seguida da respectiva numeração.

rarquia rural, aos distintos chefes jagunços aos quais ele ora se associa, ora se dissocia: “Eu, quem é que eu era? De que lado eu era? Zé Bebelo ou Joca Ramiro? Titão Passos... o Reinaldo... De ninguém eu era. Eu era de mim. Eu, Riobaldo” (GSV, 141).

Fronteira transnacional

Da amplitude heterotópica do romance *Grande sertão: veredas* emerge um espaço híbrido e disjuntivo onde convivem várias alteridades e distintos planos temporais. Trata-se do “Curralinho” — *topos* fronteiroço entre a arcaica tradição regional e a modernidade urbana — para onde se muda o protagonista, quando jovem, com o intuito de estudar “as primeiras letras” e de onde foge da ascendência paterna para realizar suas várias “travessias”. O significante “Curralinho” sugere a linha limítrofe entre regiões e, ao mesmo tempo, um concentrado campo de tensões onde se superpõem, convivem e se inter-relacionam várias expressões de alteridade. Imagem de uma fronteira transnacional, plurilingüística e intercultural, esse cenário é atravessado pelo entrecruzamento de inúmeras vozes dissonantes e dialógicas a reverberar na heterogeneidade contraditória das variações polifônicas.

Marcada pela hibridez e pela heterogeneidade conflitiva, a formação discursiva dessa passagem recusa a restrição da singularidade e do local, situando o problema num âmbito suficientemente amplo para abranger questões contemporâneas, extremamente contraditórias, que dizem respeito, ao mesmo tempo, à globalização e ao retorno às culturas locais; às diversas formas de hibridez decorrentes dos encontros de diáspóricos às margens das nações e, em simultâneo, o acirramento de sentimentos étnicos e identitários.

Espaço permeável a interações e mudanças, o “Curralinho” abriga basicamente dois grupos. O primeiro, remanescente da tradição local, constitui-se de setores da hierarquia rural e seus aparatos ideológicos — capatazes e jagunços, força de trabalho semi-escrava. Em sua luta para preservar a própria hegemonia político-econômica, esse grupo transforma a zona fronteiroça em um grande campo de batalha, onde — sob a proteção de sanguinolentos bandos jagunços — ele se arma em defesa de sua tradição, família e propriedade. Os jagunços, por seu turno, incumbidos de proteger e mapear os grandes feudos, travam, entre si, intestinas e encançadas lutas, numa constante e estreita divisão de poder, sem que eles próprios, malgrado seu poder de fogo, usufruam das posses e da integridade de latifundiários como seo Ornelas, seo Habão, seo Selorico Mendes. O processo de reificação a que os jagunços são submetidos é percebido pelo “chefe” Zé Bebelo que o explicita a Riobaldo: “Só eu... ou você mesmo, Tatarana. Mas a gente somos garrotes remarcados” (GSV, 398). Esse processo é ainda registrado pelo protago-

nista do romance, que se reconhece na mesma situação degradada que a dos demais jagunços. Como estes, aquele não passa de “fulão e sicrão e beltrão e romão — pessoal ordinário” (GSV, 58).

“Padrinho” de Riobaldo, Selorico Mendes assevera ao “afilhado” que “cada lugar é só de um grande senhor, com sua família geral, seus jagunços mil, ordeiros” (GSV, 104). Essa fala é significativa por confirmar que os próprios donos das terras e seus “filhos” têm a consciência de que seu poder de fogo possui a eficácia de bloquear o curso de mudanças sócio-culturais e históricas. A visita do poderoso chefe Joca Ramiro com toda sua *entourage* à fazenda São Gregório, de Selorico Mendes, salienta o estreito comprometimento deste com a alta hierarquia jagunça. Introduzir Riobaldo no manejo de armas é a forma como o latifundiário institui laços com o filho “ilegítimo” e o prepara para ocupar seu lugar no latifúndio. É, portanto, sob o signo da beligerância, que Riobaldo se insere nessa arcaica tradição rural, cuja “malignidade”, numa reviravolta performática, ele próprio tratará, mais tarde, de combater.

Queria que eu aprendesse a atirar bem, e manejar porrete e faca. Me deu logo um punhal, me deu uma garrucha e uma granadeira. Mais tarde, me deu até um facão enterçado, que tinha mandado forjar para próprio, quase do tamanho de espada e em formato de folha de gravatá” (GSV,105).

À falta de outras habilidades do filho, o pai decide também que ele estude, designando o Mestre Lucas, do Currálinho, para ensinar-lhe as primeiras letras:

“Baldo, você carecia mesmo de estudar e tirar carta-de-doutor, porque para cuidar do trivial você jeito não tem” (GSV,106).

É, portanto, em nome do pai, que Riobaldo será o “Cezidor”, certo nos tiros e nas palavras. Inseguro no uso de outras armas, ele tem, contudo, a segurança de manejar estas duas, por meio das quais se prepara para ocupar e desocupar o lugar do pai.

Por seu turno, o segundo grupo, sendo desenraizado e, portanto, desvinculado das tradições locais, pode ser associado à itinerância, ao nomadismo, à fluidez identitária. Trata-se de mascates, comerciantes, imigrantes, *frontiers*, *borders*, que, em face de sua própria indefinição sócio-cultural, ajusta-se ao espírito de renovação da modernidade, polarizando-se, nesse sentido, às formas de resistências assumidas pelo primeiro grupo. Assim, enquanto a oligarquia rural se recusa à mobilidade, fixando-se beligerantemente nos valores locais, o outro grupo se contorce para manejar — com um mínimo de perdas — o comércio simbólico que lhe possibilite realizar novas formas de interatividade com a cultura local.

Por não estar enraizado em nenhuma tradição nem se identificar a nenhuma facção jagunça, Riobaldo pode colocar-se em posição transitiva e realizar a mediação entre os dois sistemas culturais. É, portanto, a partir desse espaço de interação e conflitividade, que ele irá permeabilizar o convívio entre várias temporalidades superpostas — “o tempo no tempo” (GSV, 321), conforme expressão dele —, de distintas culturas e de diferentes sistemas lingüísticos, fazendo do sertão o espaço metafórico de transição entre o arcaico e o moderno, o regional e o universal.

Dessa forma, Riobaldo aprende as “primeiras letras” sob várias mediações, na fronteira intersticial assinalada pela plasticidade sócio-cultural, pelo plurilingüismo e pela heterogeneidade multitemporal. O Curralinho é, por conseguinte, o entre-lugar propício para a deflagração dos processos de deslocamento e travessia do narrador de *Grande sertão: veredas*. Mas, sobretudo, espaço de mediação entre a fixidez da cultura local e as singularidades dissonantes de culturas estrangeiras, a exemplo do convívio entre o narrador-transculturador com seo Assis Wababa (comerciante turco, cuja “linguagem garganteada” exerce forte atração sobre Riobaldo (GSV, 107) e com o alemão Vupes, seo Emílio Wusp, um mascate ocupado com trocas comerciais, lingüísticas e culturais nas suas idas e vindas entre o mundo rural e o mundo urbano (GSV, 116).

Ao descrever as mudanças sofridas pelo alemão Vupes, o narrador chama a atenção para o progressivo processo de assentamento desse imigrante em território alheio, em similitude com a adaptação sócio-cultural já efetivada anteriormente pelo turco Wababa. No relato dos sucessivos momentos de adaptação do mascate, é possível vislumbrar, nas formas concretas em que se efetivam as trocas culturais entre o meio rural e o urbano, o prenúncio do ingresso do sertão na modernidade.

Para traduzir a pluralidade de formações discursivas que emergem da coexistência de diferentes tradições, línguas, culturas e temporalidades, o narrador transculturador de *Grande sertão: veredas* opera um procedimento que Walter Mignolo (Apud. Pizarro, 1993) classifica como “hermenêutica heterotópica”, paradigma mediante o qual se pode compreender o modo como os membros de cada cultura pensam as práticas culturais e discursivas do outro.¹⁵ No trecho abaixo, ilustrativo desse paradigma, o narrador acompanha e traduz o processo de transitividade cultural do imigrante alemão:

Pois ia me esquecendo: o Vupes! [...] Esse um era estranha, alemão, o senhor sabe: clareado, constituído forte, com os olhos azuis, esporte de alto, leandrado, rosalgar — indivíduo mesmo. Pessoa boa. Homem sistemático, salutar na alegria séria. Hê, hê, com toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele não

¹⁵ MIGNOLO, Walter: Palabras pronunciadas con el corazón caliente: teorías del habla, del discurso y de escritura. In: PIZARRO, Ana (org.), cit. p. 531.

somava com nenhuma coisa: viajava sensato, e ia desempenhando seu negócio dele no sertão — que era de trazer e vender de tudo para os fazendeiros: arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas róggers e roscofes [...]. Diz-se que vive até hoje, mas abastado na capital — e que é dono de venda grande, loja, conforme prosperou. (GSV, 66).

Entre a estabilidade do comerciante turco e o gradativo ajustamento do mascate alemão ao local da cultura, pode-se perceber o trânsito que antecipa a adaptação e a hibridização cultural e idiomática de imigrantes em geral e, por analogia, o processo de transculturação tematizado ao longo do romance. À medida que se materializa no romance, esse processo dá visibilidade às trocas simbólicas nele representadas. O afã de criar um máximo divisor comum para línguas estrangeiras entre si leva o narrador de *Grande sertão: veredas* — a partir da própria perspectiva cultural e lingüística já heterotópica — a operar como tradutor e transculturador de sistemas excludentes. Além de se ressaltar a coexistência entre alteridades, que ganham lúdica visibilidade no paradoxo “alegria séria”, o trecho supra citado sobreleva a mescla idiomática impressa nas palavras *róggers* e *roscofe*, signos do comércio simbólico realizado pelo “mascate” estrangeiro.

Trocas culturais

Em *Grande sertão: veredas*, o processo de transculturação efetuado pelo narrador realiza-se através da mediação de um interlocutor culto e cosmopolita que ouve daquele (um fazendeiro, quase barranqueiro, no presente; e ex-chefe de jagunçagem, no passado) notícias das transformações sofridas pelo sertão. O processo de transitividade histórico-cultural engloba, desde a arcaica e truculenta ordem regional, emblematizada por truculentas guerras jagunças, até chegar à atualidade do relato, que é contemporâneo ao ingresso do sertão na modernidade urbana. Surpreendido pela consciência “etnológica” do narrador, esse contraditório processo de modernização — posto que ainda incipiente — já traz, em seu bojo, o lado perverso do progresso:

Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora — digo por mim — o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legítimo leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada. Os bandos bons de valentões repartiram seu fim; muito que foi jagunço por aí pena, pede esmola. Mesmo os vaqueiros duvidam de vir no comércio vestidos de roupa inteira de couro, acham que o traje de gibão é feio e capiau. E até o gado no grameal vai minguan-

do menos bravo, mais educado [...] Sempre nos gerais, é à pobreza, à tristeza. Uma tristeza que até alegra (GSV, 24).

Privilegiado *locus* de enunciação e de trocas simbólicas, a fronteira intercultural onde Riobaldo se localiza (seja inicialmente para transitar, seja posteriormente para enunciar) possibilita surpreender, de forma concentrada, as formações discursivas denotadoras de distintas temporalidades e culturas. Dessa forma, é possível examinar o processo de mesclagem entre urbes culturais desconectadas — o interior-regional e o exterior-universal — e, como consequência, surpreender as transformações lingüísticas, manifestas nos fenômenos de hibridização sintática e de acomodação gráfico-fonética entre o alemão e o português e, por analogia, entre este e outros idiomas. Na passagem abaixo, a exemplo de uma prática recorrente no romance, Riobaldo agencia a transculturação idiomática, cujo resultado, como se pode verificar, é a heterogeneidade cultural e semiótica:

E como é mesmo que o senhor fraseia? *Wusp?* É. Seo Emilio Wuspes... *Wúpsis...* Vupses. Pois esse Vupes apareceu lá, logo me reconheceu, como me conhecia, do Curralinho. Me reconheceu devagar, exatão. Sujeito escovado! Me olhou, me disse: — «Folgo. Senhor estar bom? Folgo...» E eu gostei daquela saudação [...] — «Seo Vupes, eu também folgo. Senhor também estar bom? Folgo...» — que eu respondi, civilizadamente (GSV, 66).

É num contexto fecundo para a prática da diglosia¹⁶ — o entre-lugar híbrido e multifacetado do “Curralinho”, onde se confrontam e se inter-relacionam várias alteridades, línguas, temporalidades e distintas formações culturais — que Riobaldo irá aprender as “primeiras letras”: “Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive Mestre Lucas, no Curralinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho desenhei bonitos mapas” (GSV, 14). A opção riobaldiana pelo convívio com diferentes sistemas culturais e lingüísticos confirma-se nesta afirmativa: “Toda a vida gostei demais de estrangeiros” (GSV, 107). É sintomático, nesse sentido, que o “Curralinho” — zona fronteira entre o nacional e o estrangeiro, a vida familiar do narrador e sua vida coletiva em meio a forasteiros e bandos jagunços — represente o espaço de transição a partir do qual ele, como um filho pródigo, se exila da casa paterna para, a partir da diápora, realizar sua missão transculturadora.

Tão certo no manejo das armas quanto das palavras, o jagunço-letrado usa as primeiras para mirar, com seus implacáveis tiros, o “escuro” da malignidade jagunça.

¹⁶ A “diglosia” — prática específica e assimétrica do bilingüismo e situação típica em contextos coloniais — “remete à coexistência, no seio de uma formação social, de duas normas lingüísticas de prestígio social desigual”. LIENHARD. *A sedios a la heterogeneidad cultural*: libro de homenaje a Antonio Cornejo Polar, p. 71. Tradução minha.

As segundas serão usadas tanto para cerzir os rombos que ele próprio abriu, instituindo, dessa forma, uma nova rede de sentidos. Assim, do entre-lugar do Currealinho, o jagunço-letrado se apropria das “letras” e das “armas” que lhe foram legadas pelo pai para combater o sistema que este representa, numa evidente metáfora à dependência colonial que deve ser combatida a partir da apropriação ladina e insurgente dos próprios aparatos bélicos e ideológicos da política colonizadora.

Encarnação da cólera e das virtudes guerreiras, Riobaldo é alçado ao mais alto patamar da hierarquia jagunça quando, depois de seu pacto “simbólico” com o demo¹⁷, torna-se o beligerante chefe “Urutu-Branco”.¹⁸ É sob a proteção desse “escudo” que ele cumpre sua tarefa heróica: modernizar o sertão, mediante o combate ao mal da jagunçagem. Em homologia com outros transculturadores, esse herói da modernidade periférica — frente ao desafio de questionar, desalinhar e recosturar os fundamentos da identidade histórica e cultural de sua região — não poupa meios para permeabilizar as fronteiras que isolavam o seu arcaico mundo sertanejo da modernidade urbana. O princípio da “plasticidade cultural”, adotado pelo “Cerezidor”, abre as porteiças do “Currealinho” para o contrabando de línguas e culturas franqueadas na nova fronteira que se abre, no fim do século do colonialismo, à literatura latino-americana, a qual, segundo Guimarães Rosa em sua entrevista a Gunter Lorenz em 1965, inicia agora seu futuro. Um futuro que sanciona ao continente um desempenho mais efetivo no comércio simbólico implicado nas crescentes trocas multiculturais, conforme prenuncia a passagem abaixo:

Estou firmemente convencido, e por isso estou aqui falando com você, de que no ano 2000 a literatura mundial estará orientada para a América Latina; o papel que um dia desempenharam Berlim, Paris, Madrid ou Roma, também Petersburgo ou Viena, será desempenhado pelo Rio, Bahia, Buenos Aires e México. O século do colonialismo terminou definitivamente. A América Latina inicia agora o seu futuro. Acredito que será um futuro muito mais interessante, e espero que seja um futuro humano.¹⁹

¹⁷ Penso que o grande pacto ocorrido no romance *Grande sertão: veredas* é um pacto ficcional entabulado não apenas com o narratário de Riobaldo, mas também com outras vozes, desafiadas a interagirem na múltipla rede de trocas simbólicas propostas pela escrita rosiana.

¹⁸ “Urutu-Branco” é um dos epítetos do “herói” Riobaldo (os outros dois são “Cerezidor” e “Tatarana”). Sobre atributos e nomes guerreiros do protagonista de *Grande sertão: veredas*, bem como seu parentesco com personagens da “Cavalaria” (“avatar sertanejo da Cavalaria” e respectivamente “Don Riobaldo, cavaleiro dos campos gerais”), ver CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese: ensaios. O homem dos avessos*. São Paulo: Ed. Nacional, 1964. p. 129; e PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Trilhas do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Serv. Docum. do MEC, 1958. p. 33 (Cadernos de Cultura, 114).

¹⁹ ROSA. *Guimarães Rosa: ficção completa*. Diálogo com Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. I, p. 61.